



## ANGELA DAVIS E A LUTA POR LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISES

DAVIS, Angela. A liberdade é uma constante. Trad. Heci Regina Candiani. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

Alex Sander da Silva<sup>1</sup>

Angela Yvonne Davis é uma filósofa e ativista estadunidense, nascida em Birmingham, no estado do Alabama, em 26 de janeiro de 1944, na região sul dos Estados Unidos (EUA), em um período de intensa segregação racial. Professora emérita do departamento de estudos feministas da Universidade da Califórnia, estudou e especializou-se em Filosofia nas Universidades de Brandeis, nos Estados Unidos; Sorbonne, na França; e de Frankfurt, na Alemanha, período em que fora aluna de Jean-Paul **Sartre (1905-1980)** e de Herbert **Marcuse (1898-1979)**.

Difícil falar de Angela Davis sem mencionar sua luta contra o racismo e a sua defesa pelos direitos das pessoas desde muito cedo. Davis nasceu e, um dos Estados mais racistas dos EUA, e desde pequena conviveu com humilhações de cunho racial. A cidade onde nasceu ficou conhecida pelo episódio do bombardeio, promovido pela *Klu Klux Klan*<sup>2</sup>, que destruiu uma Igreja Batista em 15 de setembro de 1963. Em consequência desse ataque, Carole, Cyntia, Adie e Denise, com idades entre 11 e 14 anos, e mais 20 pessoas morreram queimadas<sup>3</sup>. A igreja era um ponto de encontro de militantes pró-direitos civis. Mais do que um fato isolado, o ocorrido em Birmingham revela o ambiente que reinava no lugar onde, como descreveu o escritor William Faulkner, *o passado nunca morre*.

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande de Sul (2010). Pós-Doutorado PNPd/CAPES no PPGE/UNIMEP no núcleo de História e Filosofia da Educação (2014). Atualmente é professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Tem experiência na área de Filosofia da Educação, com ênfase em Fundamentos da Educação, Filosofia da Educação e Teoria Crítica da Educação, Educação Étnicorracial, Formação Cultural, Ética e Estética na Educação. E-mail: <[alexanders@unesc.net](mailto:alexanders@unesc.net)>

<sup>2</sup> Também conhecida como KKK, caracterizado como movimento de extrema-direita surgido nos EUA no final dos anos de 1860, caracterizado pela defesa reacionária da supremacia branca, nacionalismo branco e anti-imigração. Um dos principais movimentos de perseguição racista nos EUA, estima-se que existam de 5.000 a 8.000 membros em 2012. JÚNIOR, Demercino José Silva. "Ku Klux Klan"; *Brasil Escola*. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/ku-klux-klan.htm>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

<sup>3</sup> Angela Davis frequentemente, em seus escritos e suas conferências, menciona esse episódio, considerado um dos crimes mais chocantes da história dos Estados Unidos.



Angela Davis, nos anos de 1960, tornou-se militante do Partido Comunista nos EUA e dos *Panteras Negras*, e seu ativismo ganhou força após ser incluída na lista do FBI, e ter que responder a um processo por 18 meses em que ficou presa. Nesse meio tempo houve uma campanha internacional pela sua liberdade e, desde então, seu ativismo político e acadêmico tem centrado foco na luta antirracista e nas novas formas modernas de escravidão.

Seu ativismo ganhou notoriedade depois de retomar o cargo de professora de Filosofia e escrever, em 1981, seu livro *Mulheres, raça e classe*, no qual fez um levantamento da relação entre os senhores e os negros e negras escravizados nos Estados Unidos do século XIX, bem como das relações de trabalho vigentes no período pré-guerra civil. É enfática ao posicionar-se dentro de um feminismo classista, inclusive resgatando a história de mulheres negras e comunistas.

Além da obra *Mulheres, Raça e Classe* (Boitempo, 2016), Davis é autora de outros livros, incluindo *Angela Davis: Uma Autobiografia* (1974); *Mulheres, cultura e política* (também editado pela Boitempo, 2017); *As prisões são obsoletas?* (2003); *Abolition Democracy* (2005); e *The Meaning of Freedom* (2012); e *Freedom Is a Constant Struggle: Ferguson, Palestine and the Foundations of a Movement* (2015), cuja tradução, lançada em 2018 pela Editora Boitempo, tem o título *A liberdade é uma luta constante*.

A obra *A liberdade é uma luta constante* foi organizada por Frank Barat<sup>4</sup>. Além da introdução feita pelo próprio Barat, conta com dois prefácios e dez capítulos dos mais variados assuntos de interesse de Angela Davis. Trata desde lutas anticapitalistas, de racismo e violência de Estado, feminismo e abolicionismo prisional e ativismos políticos de toda ordem. O livro de Davis retoma, de forma densa e consistente, o sentido de liberdade que ela mesma defendeu e defende ainda hoje – o de liberdade como uma luta constante.

O livro é composto por três entrevistas realizadas por Frank Barat, realizadas ao longo de vários meses em 2014, um artigo publicado no jornal *The Guardian* em novembro de 2014 e seis discursos proferidos em vários momentos e em diversas circunstâncias e locais. Neles, o tema da liberdade é intercalado com situações políticas conjunturais, de momentos históricos vivenciados pela própria ativista e intelectual.

Nas entrevistas concedidas e nos discursos de Angela Davis, os principais temas abordados tratam do ativismo coletivo, da eleição do presidente norte americano Barack

---

<sup>4</sup> Frank Barat é um ativista de direitos humanos e autor e organizador de diversos livros sobre esse tema. Ele foi o coordenador do Tribunal Russell sobre a Palestina, e agora é o presidente da *Rede de Ação Legal da Palestina*. Seus livros incluem *Gaza in crisis*, *On Palestine* e *Corporate complicity in Israel's occupation*.

Obama, do caso de Ferguson, do abolicionismo prisional, da Palestina, do feminismo negro. Esses temas, a bem da verdade, transcorrerão todo o livro. São temas que dão corpo ao tema central da liberdade.

Na primeira entrevista, ao ser perguntada sobre como podemos construir movimento baseado no poder da coletividade, Davis afirma que as lutas progressistas estarão fadadas ao fracasso se não tivermos consciência sobre a “insidiosa promoção do individualismo capitalista” (DAVIS, 2018, p.18). Para ela, é necessário resistir à tendência de transformar as lutas coletivas em lutas heroicas individuais.

Nessa entrevista, Davis aborda, ainda, a eleição de Barack Obama, primeiro presidente negro dos Estados Unidos, o que, para ela, teve um significado importante para o protagonismo e a visibilidade negra, mas sem acreditar que isso seria a “queda da última barreira racista” (p. 20). Entretanto, na avaliação de Davis, Obama não desempenhou um papel decisivo no desenvolvimento dessa política negra. Para ela, o protagonismo dessa política está nas mãos da luta popular. Em seu modo de ver, a luta negra serve como emblema da luta mais ampla, pela própria liberdade de todas e todos que lutam por liberdade. Sobre a luta pela liberdade, afirma:

Ela é emblemática de lutas mais amplas pela liberdade. Por isso, na esfera da política negra, eu também teria de incluir as lutas das questões de gênero, as lutas contra a homofobia, as lutas contra políticas repressivas anti-imigração. Acredito que seja importante apontar aquilo que em geral é chamado de tradição radical negra. E essa tradição não está simplesmente relacionada ao povo negro, mas a todos os povos que luta pela liberdade (DAVIS, 2018, 48-49).

Infelizmente, ainda vivemos em uma sociedade marcadamente racista, cuja manifestação do racismo ocorre de formas, algumas vezes, sutis, e outras vezes, escancaradas, de preconceitos, de discriminações e muitos outros abusos racistas inconcebíveis. Uma expressão concreta disto, na visão de Angela Davis, é a atuação policial, particularmente nos EUA, mas que pode ser estendida ao Brasil, conforme ela mesma aponta durante palestras na UFBA na última década.

Os comportamentos e atitudes racistas cristalizados no imaginário social brasileiro, que reproduzem convicções escravocratas arraigadas, mantêm os estereótipos que não ficam somente no limite do simbólico, incidindo sobre os demais aspectos das relações sociais na vida concreta das pessoas negras. A abordagem feita pela polícia às pessoas negras e a sua agressão contra essas pessoas constituem quase procedimentos rotineiros. São

comuns as mortes e os ferimentos de moradores inocentes nos bairros de periferia das grandes e das pequenas cidades.

E uma grande preocupação de Davis diz respeito ao número elevado de pessoas negras encarceradas. Por isto sua luta pelo abolicionismo prisional. Para Davis, o encarceramento é uma expressão do prolongamento da escravidão. Em seu entendimento, nos EUA, não há como ter um policiamento sem racismo ou um sistema criminal que funcione sem racismo. Deste modo completa afirmando que, “se quisermos imaginar a possibilidade de uma sociedade sem racismo, tem de ser uma sociedade sem prisões” (DAVIS, 2018, p.56).

O livro *A liberdade é uma luta constante*, de Davis, pode ser compreendido como um programa em defesa do abolicionismo prisional não apenas nos EUA, mas para o mundo inteiro. Davis defende estruturas diferentes, tal como *estruturas de justiça restaurativa*, a fim de vislumbrar uma sociedade que seja segura e justa. Para Davis, “talvez uma justiça transformativa forneça uma estrutura para imaginarmos uma espécie bem diferente de segurança no futuro” (DAVIS, 2018, p.56).

Essa luta pelo abolicionismo prisional é a luta contra o constante aumento daquilo que Angela Davis chama de *complexo industrial-prisional*, isto é, de empresas e ou grupos empresariais especializados em segurança particular, em treinamentos militares, como a organização G4S, “que lucra com o encarceramento e tortura de pessoas” (DAVIS, 2018, p. 102). Para Davis, são corporações como esta que lucram, “e as comunidades pobres padecem! A educação pública padece! A educação publica padece porque não é lucrativa, segundo parâmetros corporativos” (DAVIS, 2018, p. 102).

Durante todo o livro, as associações entre os sistemas prisionais e a agressão ao povo palestino, que também ocorre por esse mesmo sistema repressivo, buscam demonstrar outra tônica do pensamento de Davis: o capitalismo é um sistema mundial que atua por múltiplas conexões, não sendo possível, portanto, lutar contra ele em apenas uma só frente.

Outro tema fundamental para Angela Davis trata-se do feminismo negro, que está conjugado com o abolicionismo. Os dez textos, direta ou indiretamente, trazem o tema do feminismo, mas é no texto oito, intitulado *Feminismo e Abolicionismo: teorias e prática para o século XXI* que Angela Davis aborda, de forma mais detalhada, sua perspectiva de feminismo.

O feminismo a que Davis se associa envolve muito mais do que a relação de igualdade de gênero: envolve uma crítica em relação ao capitalismo. Segundo Davis,

Ele (o feminismo) deve envolver uma consciência em relação ao capitalismo, ao racismo, ao colonialismo, as pós-colonialidades, as capacidades físicas, a mais gêneros do que jamais imaginamos, a mais sexualidades do que pensamos poder nomear. O feminismo não nos ajudou apenas a reconhecer uma série de conexões entre discursos, instituições, identidades e ideologias que tendemos a examinar separadamente. Ele também nos ajudou a desenvolver estratégias epistemológicas e de organização que nos levam além das categorias “mulher” e “gênero” (DAVIS, 2018, p. 99, grifos da autora).

Para Davis, o feminismo negro consiste em uma ferramenta bem oportuna na luta pela liberdade da mulher negra em particular, mas da sociedade, de modo geral. O feminismo negro entendido por ela impulsiona a encontrar as conexões existentes entre as diversas formas de opressão que o sistema capitalista se utiliza para explorar os seres humanos. Deste modo, em Davis, não podemos pensar na luta feminista fora do contexto das lutas antirracistas, anticapitalistas.

O que impressiona, no livro de Davis, são suas convicções da luta coletiva, particularmente do feminismo interseccional a partir de classe, raça e gênero. Mesmo em condições desfavoráveis impostas, sobretudo, por um sistema que escraviza homens, mulheres e transgêneros, Angela Davis tem a convicção de que a liberdade é possível. Isto porque ela aposta e acredita no envolvimento das pessoas que são capazes de dar a própria vida pela liberdade.

No livro de Angela Davis, a liberdade não é algo dado, mas uma conquista através de uma luta constante. E a considerar a conjuntura que estamos vivendo no Brasil atual, *A liberdade é uma luta constante* constitui-se em uma obra que ajuda a pensar as formas de resistência contra um regime que massacra e impede o exercício pleno das liberdades democráticas, tão necessárias para a dignidade humana. Sejamos protagonistas, também, desta luta, coletivamente.

**RECEBIDO 10 DE JULHO DE 2018.**

**APROVADO 30 DE AGOSTO DE 2018.**